



RITUAIS DE INICIAÇÃO COMO ELEMENTOS ESSENCIAIS DA EDUCAÇÃO AFRICANA (BANTU): CASO DO ALAMBAMENTO NA CULTURA AMBUNDU

DOI: 10.56579/eduinterpe.v1i2.2262

Sousa da Silva Sobrinho¹; Suraya Roberto Filho²; Antónia Maria Sobrinho Neto³; Ivone da Silva Machado Santos⁴.

¹ Mestrando em Educação Social pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. Graduado em Ensino de História pela Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPBE). E-mail: Sousamx1995@gmail.com

² Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciada em Sociologia pela Universidade Agostinho Neto (Angola). E-mail: surayahafilho@gmail.com.

³ Mestranda em Educação. Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Graduado em Ensino de História pela Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPBE). E-mail: antoniasobrinhoneto@gmail.com.

⁴ Mestranda em Gestão Social e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: ivonesmachado@gmail.com.

Resumo: África é um continente multicultural, esta multiplicidade faz dela uma geografia rica. Um povo que desconhece e não se preocupa com as suas origens culturais está premeditado a grandes erros. O presente trabalho, com o tema: Rituais de iniciação como elementos essenciais da educação africana (bantu): caso do alambamento na cultura ambundu. Tem como objetivo: Analisar o impacto dos rituais de iniciação dos povos Ambundu na educação da geração mais nova. Os ambundu são um povo, com vários subgrupos, localizados no território angolano, têm os ritos e cerimónias como elementos fundamentais da sua base educativa para preservação do seu manancial cultural. Neste sentido, para elaboração e materialização do trabalho recorreremos a uma metodologia com abordagem qualitativa-exploratória, que nos permitiu através de bibliografias e documentos levantar dados relativamente a este povo. Permitiu-nos averiguar que na cultura Ambundo a materialização do alambamento é da responsabilidade de todos membros da família e da comunidade, e não exclusivamente do casal. Esta cerimônia obedece a três fases fundamentais com características peculiares: Primeira: as conversações, ocorre entre os dois grupos, familiares dos cônjuges. Segunda: negociações, nessa etapa, os grupos acordam sobre as prendas a serem ofertadas à família da futura mulher. Terceira: preparação, refere-se ao momento da organização do matrimónio, estes aspetos fazem do alambamento além da união matrimonial, assumir uma função política, cultural e socioeducativa. Portanto, mais do que um processo colaborativo e coletivo, o alambamento é um ato pedagógico, na medida em que são passadas lições práticas da vida conjugal, tanto para os nubentes bem como para todos participantes.

Palavras-chave: Nações Bantu; Povo Ambundu; Rituais de iniciação; Angola; Educação.

INTRODUÇÃO

É consensual que cada povo tem à sua maneira de educar e se educar. Porém, o relativismo cultural é um elemento fundamental na análise e compreensão das tradições e cultura dos diversos povos que compõe o globo. No caso de África, especificamente de Angola, a transmissão da cultura e a tradição foram sempre responsabilidade exclusiva da geração adulta em relação a geração mais



nova. Desse modo, para os Bantu, a cultura é uma herança transmitida e recebida pelos indivíduos e pela sociedade, que formam o manancial da sua vivência, riqueza humana e moral.

A terminologia Bantu, é o plural de “muntu”, uma palavra com origem nas línguas Bantu, formada pelo prefixo “ba” e o sufixo “ntu”. Traduzida para português significa pessoas, povos, seres humanos. Os Bantu, “além do nítido parentesco linguístico, conservam um fundo de crenças, ritos, e costumes similares, uma cultura com traços específicos e idênticos que os assemelha e agrupa, independentemente da identidade racial” (Altuna, 2014, p.24).

Mediante a variedade linguística e subgrupos Bantu, faz-se lógico considerá-los de nações Bantu, em vez de povo Bantu. Neste sentido, presente trabalho tem como objetivo: Analisar o impacto dos rituais de iniciação dos povos Ambundu na educação da geração mais nova.

METODOLOGIA

A realização de qualquer trabalho científico exige dos pesquisadores a formulação de uma metodologia científica. Essa servirá como diretriz de cada etapa que compõem o nosso trabalho. Assim sendo, para o presente recorremos a uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória com recursos as fontes bibliográficas e documentais (Severino, 2016).

ASPECTO FILOSÓFICO DA EDUCAÇÃO BANTU

Historicamente antes do contato com os europeus, os povos que habitam no território angolano possuíam uma forma própria de educar, baseada nos princípios e preceitos Bantu, assentes na coletividade, oralidade e observação. Neste sentido, era um modelo educativo onde os adultos tinham responsabilidade de transmissão dos valores culturais e tradicionais às futuras gerações.

Segundo o provérbio Bantu “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” (Pembele, 2022). Assim, a responsabilidade de educar a nova geração não cabia a uma única figura, ou seja, as crianças configuram-se como herança da comunidade e, é responsabilidade de todos contribuírem para que este menino ou menina seja íntegro (a) para dar respostas e servir as futuras necessidades da comunidade.

Dessa forma, era da incumbência dos avôs, pais, tios, e irmãos mais velhos com base as suas experiências de vida e observação, ensinarem os jovens da comunidade a se tornarem excelentes líderes, sábios, caçadores, chefes de famílias, pescadores e outras profissões e habilidade que caracterizam este povo. Igualmente, cabia as avós, tias, mães, irmãs cuidar e transformar a jovem mulher em uma excelente dona de casa, protetora, e provedora através da agricultura.



A lógica da educação Bantu tem os seus fundamentos nos princípios filosóficos Ubuntu “eu sou porque nós somos”. Um princípio que expressa a preocupação coletiva como primordial e como pré-condições para existência individual. Neste modelo educativo o “Eu” não superpõe o “Nós”, é o inverso.

Embora a coletividade ser um dos princípios da educação Bantu e pressupõe a relação direta entre quem ensina e aprende, haviam assuntos específicos que levavam em consideração a idade e o gênero dos jovens. Para António; Pereira (2024) assuntos como sexualidade eram ensinadas através dos rituais de iniciação.

Para Altuna (2014, p.283-289); ritos de iniciação;

É um conjunto de técnicas que transformam o jovem. Só por ele, as crianças se transformam social, política e religiosamente, em homens e mulheres [...] além da primordial função transformadora, estes ritos intentam dar à criança uma formação completa para que cumpra o seu papel na comunidade.

Neste sentido, Brandão (1982, p.23) argumenta que; “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. Todavia, embora não sendo um sistema de ensino formal, a educação sempre existiu entre os angolanos, uma vez que antes do contato com os europeus existiam grupos sociais estruturados de transmissão do saber, valores culturais e da vida.

O ALAMBAMENTO COMO MEIO DE ENSINO NA CULTURA AMBUNDU

Os Ambundu é um subgrupo étnico Bantu, localizado em Angola maioritariamente nas provinciais de Luanda (capital) Bengo; Cuanza-Norte; Malange; e Cuanza-Sul. Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE), é o segundo maior grupo étnico do país, e a sua língua quimbundo é falada por 7% da população angolana (Angola, 2016).

Assim como os restantes povos que habitam no território angolano, os ambudu politicamente formaram dois impores reinos que marcaram a história pré-colonial de Angola e a construção da nação, a citar; Reino do Ndongo e Matamba. Entre os seus subgrupos, destacam: os luandas, os quissamas, os hungos, os libolos, os quibalas, os angolas, os imbangalas, os songos, os chinjee e os minungos (INE, 2016).

Apesar da subdivisão, os ambundu dispõem e partilham dos mesmos hábitos, elementos tradicionais e culturais. Para este povo, a educação constitui-se como um elemento chave na



preservação da tradição e cultura que desde os antepassados foram transmitidas de forma oral e guiando gerações até os nossos dias, através dos processos de iniciação, tanto para o masculino como o feminino.

O processo de iniciação para o grupo masculino (muhandá) e feminino (muanda) são considerados como a escola do conhecimento da vida e adquirem um valor educativo, na medida em que, “os mestres ensinam o que os participantes precisam saber para cumprir com perfeição os seus compromissos sócio-político-religiosos” (Altuna, 2014, p.289).

O muhandá e muanda são espaços privilegiados para o ensino-aprendizagem sobre a vida e a preservação cultural. Conectados com a ancestralidade, serviam como resistência para preservação e manutenção da identidade cultural. Por meio desses processos educativos, os jovens aprendiam várias atividades para o desenvolvimento da vida na comunidade, como a pesca, a caça, a culinária, a dança, o canto e outras.

A partir destes, os homens e mulheres são treinados a obedecerem à autoridade e os anciões, a serem fiéis aos ritos e costumes; serem independentes e contribuir para o crescimento da comunidade. Na cultura Ambundu, apesar da integração ter início nos ritos de puberdade que simbolizam a passagem da infância para vida adulta, a plena integração dos jovens dá -se após a realização da cerimônia do alambamento (Kulemba).

O termo alambamento, tem a sua gênese no verbo “kulemba” uma expressão que na língua Quimbundo que significa prenda, homenagem, agradecimento aos sogros. Por influência do colonialismo e disseminação do Português em Angola, foi suprimido o radical “ku” e acréscimo da desinência “mento” (Altuna, 2014).

A realização do alambamento na cultura ambundu, obedece três fases fundamentais com características peculiares: (1) as conversações entre os dois grupos, familiares da mulher e do homem, onde é debatido assuntos como integridade dos casais, instrução da mulher e a capacidade de trabalho. (2) negociações; acordam sobre o alambamento (presentes) que a família do homem deve levar para agradecer os seus sogros por cuidarem da esposa até o momento da realização da cerimônia; dependendo da família, podendo ser, alimento; joalheria; roupas, bebidas, dinheiro e outros. (3) preparação, refere-se ao momento da organização da casa, do enxoval e o necessário para o realizar do matrimônio.

Cumprido os passos acima, é concedida aprovação pelos responsáveis de ambas as partes, e dada a legitimidade para união do casal e, conseqüentemente, formação de uma nova família. Para os



ambundu, o alambamento, além da união do casal, tem uma dimensão política, cultural e socioeducativa.

Segundo (António; Pereira, 2024), a dimensão política do alambamento diz respeito ao consentimento dos líderes das duas famílias, em muitos casos permite a união, pacto e restauração das linhagens dos grupos em que a menina e o menino pertencem.

Se por um lado a dimensão política, procura fortalecer laços entre os familiares do casal. No aspecto cultural, preocupa-se com a fecundidade como instrumento crucial para o alargamento da família através dos filhos gerados pelo casal. Para os ambundu, os filhos representam estabilidade, união, duração do casamento e a continuidade da linhagem dos progenitores mesmo após a morte.

Em muitas culturas Bantu, o alambamento tem uma dimensão socioeducativa, pois tratar-se de um processo colaborativo e coletivo entre os membros da família e da comunidade que antes e durante a cerimônia assumem papéis fundamentais para formação da nova família.

Desse modo, é da incumbência das tias maternas, preparar a jovem mulher para se tornar excelente dona de casa e os assuntos como, cuidar do esposo; sexualidade e maternidade são fundamentais. Trata-se de um momento de instrução e preparação da menina para a vida conjugal. Caso a menina for para casa do marido sem as mínimas instruções, a culpa recai para a família da sua proveniência. Igualmente, a responsabilidade de preparação do noivo para a vida conjugal recai para os tios paternos, que instruem e orientam o jovem de como ser um verdadeiro líder de família e provedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização e o sucesso do alambamento é da responsabilidade de todos, e não exclusivamente do casal. E por mais que o casal tenha disponibilidade financeira para acudir com todas despesas da cerimônia não podem agir de forma independentes sob pena de não ter o apoio da família. O proceder dos futuros cônjuges sem o apoio e a solidariedade da família, significa que rejeitou a sociedade e a sociedade o rejeitou.

Portanto, mais do que um processo colaborativo e coletivo, alambamento é um ato pedagógico, na medida em que são passadas lições práticas da vida conjugal, tanto para os nubentes bem como para todos participantes.

REFERÊNCIAS

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. Cultura tradicional Bantu. 2.ed. Luanda: Paulinas. 2014.



ANTÓNIO, Fernando Júnior Adão; PEREIRA, Paula Graciano. A educação em Angola no período pré-colonial: Os povos bantu e os processos de formação para a vida. **EDUCERE - Revista da Educação da UNIPAR**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 138–154, 2024. DOI: 10.25110/educere.v24i1.2024-008. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/educere/article/view/10977>. Acesso em: 2 fev. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 1.ed.São Paulo: Brasiliense, 1981.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA (2016). *Recenseamento geral da população e habitação: Resultados definitivos*. Luanda: INE.

PEMBELE, Gilson Lubalo. **As políticas de alfabetização para a educação de adultos no contexto pós-independência em Angola**. 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2022.

SEVERINO, António Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.